www.LETRA MAGNA.com
Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura
Ano 05 n.10 - 1º Semestre de 2009- ISSN 1807-5193

LITERATURA E CULTURA CABO-VERDIANA BALTASAR LOPES OU SIMPLESMENTE NHÔ BALTAS

Sônia M. A. Queiroz[1]

"No Mindelo ainda há velhos que se lembram do tempo em que a actividade portuária animava a cidade inteira. Os ingleses que se instalaram na ilha, transformando-a num importante entreposto de carvão, deixaram para sempre alguns apelidos sonoros (Brigham, Rendal etc.), uma descendência de mulatos de olhos verdes, e a paixão por um desporto que ninguém espera encontrar ali: o criket."
José Eduardo Agualusa

RESUMO: Atento às realidades do cotidiano do povo cabo-verdiano, Baltasar Lopes, procurou refletir a consciência coletiva. Teve diversos contos publicados em várias revistas, publicou também poemas sob o pseudônimo de Osvaldo Alcântara. Este artigo pretende analisar sua vida e obra.

PALAVRAS-CHAVE: literatura africana, Baltasar Lopes, ficção.

***ABSTRACT**: Always attempting to the reality and the usual life of the cabo-verdia, Baltasar Lopes, looked to reflect the collective conscience. He had many histories edited in various magazines, and published poems under the codename of Osvaldo Alcântara. This article intends to analyze his work and life.*

***KEYWORDS**: African literature, Baltasar Lopes, fiction.*

Baltasar Lopes, Nhô Baltas como ficou conhecido, foi poeta, ficcionista, filólogo e advogado, nasceu em 1907, na Vila da Ribeira Brava (ilha de S. Nicolau), em Cabo Verde, foi um dos precursores do movimento de emancipação cultural, social e político da sociedade cabo-verdiana.

Em 1936, fundou com outros intelectuais cabo-verdianos a Revista literária Claridade, marco da modernidade crioula, dando início a uma nova fase de contemporaneidade estética e

[1]Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa – USP

lingüística, superando o conflito entre o Romantismo de matriz portuguesa, dominante durante o século XIX.

Atento às realidades do cotidiano do povo cabo-verdiano, Baltasar Lopes, procurou refletir a consciência coletiva. Teve diversos contos publicados em várias revistas, publicou também poemas sob o pseudônimo de Osvaldo Alcântara.

Onze anos depois (1947), publica seu primeiro romance intitulado *Chiquinho,* considerado uma obra de profunda densidade poética, um dos mais lidos no universo acadêmico. Descrevendo Cabo Verde dos anos 30, ancorado em uma realidade até então não denunciada, Chiquinho traz à tona o abandono do povo, a luta pela sobrevivência em meio à natureza inóspita, das secas constantes que destruíam as lavouras e com ela o crescimento da fome na população indefesa e desesperada. Todavia as personagens desta história são alimentadas pelo sonho e esperança de sobrevivência em terras longínquas, portanto, a temática da emigração iconizada pelo mar, lançando-os rumo às Américas em busca da quase terra prometida, longe das calamidades que os assolavam.

O romance Chiquinho é dividido em três capítulos intitulados: Infância; S. Vicente e As águas, significante pleno da escrita artística de Baltasar Lopes.

Não menos intrigante que Chiquinho, o escritor cabo-verdiano publica em 1987, uma coletânea intitulada *Os Trabalhos e os Dias* reunindo dez contos. Selecionamos para um breve estudo o conto *A Caderneta.* Atualmente, este foi adaptado para uma peça teatral por João Branco, por sua vez também diretor, e atuado pelo Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo, mais conhecido por Mindelact. A atriz Mirita Veríssimo interpreta a personagem da

lavadeira, por se tratar de um monólogo, ela é o fio condutor de denúncia arraigado pela prostituição, concernente à decadência do movimento portuário de São Vicente.

Este monólogo, intenso de denúncias coloca em evidências o sofrimento da mulher, o abandono, cujo sofrimento a atira para o caminho da prostituição como meio de sobrevivência, conservando uma consciência dilacerada, dramática, porém dotada de uma inocência pueril ao se confrontar com a realidade.

Com estilo de uma narrativa psicológica, Baltasar Lopes em *A Caderneta* trabalha com a personagem em primeira pessoa; uma lavadeira – prostituta tentando explicar sua situação para um médico. Ela que não possui nome pode representar qualquer mulher cabo-verdiana que vive as mesmas condições. Sem respostas para seus conflitos, tenta persuadir o doutor (também sem nome), de que sua situação como prostituta não procede.

Para ser prostituta haveria uma condição: possuir uma caderneta, a qual obrigaria a mulher a se consultar periodicamente com o médico, este por sua vez, daria ciência de sua saúde para prosseguir seu trabalho, todavia, esta caderneta é o símbolo da marginalização para a mulher cabo-verdiana.

Este monólogo trata-se de uma artimanha do escritor, para levar-nos a refletir sobre as problemáticas vivenciadas pelos ilhéus, vejamos nesta citação:

> "O senhor doutor vai com pressa? Mas o senhor doutor vai atender à minha razão: Não é verdade? Senhor doutor, o senhor não me deixe desamparada! Eu lhe conto. Aquela gente ai no portão da Companhia? Não faz diferença. Sabe, senhor doutor, eu já não tenho idade para comprometer ninguém. Palavra! Por esta luz divina! Nem idade, nem força, nem gagê..."
>
> (Lopes, 1987, p. 15)

Primeiro, a personagem não possui nome, o que sugere ser qualquer mulher vivendo as dificuldades da sofrida Cabo Verde.

Segundo, não aparece outra voz na narrativa, portanto, monólogo, sugerido como mecanismo de defesa para a personagem, não há espaço para maiores questionamentos sobre o ato imoral: a prostituição, motivo de vergonha. Neste caso, o conceito de imoralidade viria da classe burguesa, como o médico e os trabalhadores da Companhia. O médico, personagem que supostamente dialoga com a lavadeira, por não possuir voz na narração, pode ser interpretado como pertencente à pirâmide social, sugerida por sua mudez, era aquele que retém o poder, sua posição privilegiada negando-lhe desta forma a palavra, metáfora de Cabo Verde, que não vira as costas para seus ilhéus, porém nada pode fazer para tira-lhes do abismo.

A lavadeira sobrevive a um momento de crise econômica do país, com o fechamento do Porto Grande, faltaram-lhe subsídios. Seu único filho Lela, vítima da emigração, deixa São Vicente para se aventurar na Inglaterra, a princípio mandava-lhe dinheiro, com o tempo isso não mais aconteceu, logo, sem roupas dos marinheiros para lavar e engomar, não havendo outra possibilidade de trabalho, o que lhe sobra é a prostituição.

A prostituição é um tema interessante considerando a construção da realidade social em que se está inserida, e os valores inerentes desta construção, neste caso, concordamos com o pensamento de Hippolyte Taine, ao dizer que o comportamento é justificado pelo meio e pelo momento, por outro lado, há de se pensar no que nos diz a ética teleológica: *sendo uma ética imoral, basea-se nos fins que justificam os meios*, logo, a prostituição é motivo de vergonha.

"Quando os indivíduos não se ajustam aos padrões normativos, prescritos pela Institucional, quando apresentam qualquer desvio radical desta ordem, passam a ser designados como inadaptados, criminosos, delinqüentes, loucos ou outras denominações afins." (Bacelar, p.10)

A prostituição participa da nossa própria realidade, contudo por ser uma problemática social, representa ainda motivo de vergonha, justamente por apresentar a condição degradante do ser humano, ao se submeter a tais situações vexatórias, e "vergonha" (valores morais), não chegam a se tornarem mais poderosos do que a sobrevivência.

Baltasar com maestria, denuncia essa transgressão através de um pequeno conto, não nos damos conta do enorme manifesto e apoio que o escritor oferece às correntes feminista colocando em foco a condição da mulher marginalizada por uma sociedade machista e preconceituosa.